

# DA ORALIDADE À LÍNGUA DE SINAIS – UMA LEITURA DO TRADUTOR-NARRADOR DA “LENDA DA COBRA-GRANDE”

Autora: Caroline de Assis Campos Pinagé (UFAM)<sup>1</sup>

Orientadora: Rosilene Silva Marinho (UFAM)<sup>2</sup>

Esse estudo apresenta uma análise acerca do papel do tradutor-narrador, ou intérprete, no livro bilíngue “Lenda da Cobra-Grande”, que conta uma narrativa do imaginário oral amazônico. Teve-se como foco a análise da tradução para a Língua Brasileira de Sinais, a fim de verificar a tipologia deste tradutor-narrador, os elementos estruturais da narrativa transcrita para a LIBRAS, além de checar as particularidades de uma produção para ouvintes e surdos. A análise se realizou com base em pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítica, utilizando referências teóricas como Salvatore D’Onofrio (1995) e Joaquim Barbosa (2001) para a análise literária, além de teóricos sobre a Língua Brasileira de Sinais tais como Lodenir Karnopp (2008), Ronice Müller de Quadros (2004) e Karin Strobel (2008). Esse estudo resulta de projeto desenvolvido pelo Programa de Atividade Curricular de Extensão – PACE, intitulado *Traduzindo contos da literatura para a Libras*, realizado pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Palavras-chave: LIBRAS, Literatura, Lenda da Cobra-Grande, Análise Literária, Cultura Surda.

## INTRODUÇÃO

A obra da língua fonte chamada *Lenda da Cobra-Grande* discorre sobre uma lenda do imaginário amazônico, na qual um pequeno índio é transformado em cobra, crescendo até se transformar na figura regional Cobra-Grande. Uma tribo de índios descobre que uma índia tem assassinado as crianças da aldeia, e resolve afogar a índia malvada nas águas do Rio Negro. Nesse momento, há a intervenção da Alma da Floresta, chamada Anhangá, que salva a índia, casando-se com ela e tendo um filho que é transformado em cobra.

A tradução da lenda amazônica para a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – a língua dos Surdos<sup>3</sup>, é analisada a partir de uma leitura da tipológica do boneco tradutor-

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras, Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Manaus – Amazonas – Brasil. Contato: carolinepinage@gmail.com

<sup>2</sup> Possui Especialização em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas, "Lato Senso" (2010), Especialização em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Professora da Universidade Federal do Amazonas (Área: Ensino da LIBRAS). Possui certificação como tradutora e Intérprete de Língua de Sinais - LIBRAS (PROLIBRAS).

narrador da obra, identificando seus respectivos recursos narrativos em LIBRAS. Strobel (2008) afirma que o indivíduo surdo é considerado a pessoa que tem como principal característica ter como forma de comunicação o visual gestual, além de outros artefatos culturais. Durante anos, a oralidade de causos do cotidiano ribeirinho existiu apenas na memória daqueles que os ouviam. No entanto, mesmo antes de chegar à fase escrita, as lendas já contavam com elementos da linguagem surda, conforme explica Joaquim Barbosa.

O contar não se dá apenas pela vocalidade, mas também pela *performance*, pela mobilização de recursos capazes de explicar o inexplicável e descrever o indescritível. Os gestos, as expressões faciais, o olhar em várias direções, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio são alguns dos muitos recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que se conta (BARBOSA, 2011, p.12).

Desta forma, pode-se compreender que as narrativas orais, que possuem como esteio a fala, também eram ouvidas por meio dos olhos, assim como a língua de sinais. O ato performático do contador de histórias orais, o narrador, nos remete às características da comunicação da comunidade surda, que ao narrar uma história mantém “uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI apud BARBOSA, 2011, p. 13).

Karnopp e Hessel (2009) também compartilham da semelhança entre as práticas comunicacionais citadas acima, quando entendem que a comunicação não se restringe apenas à oralização, mas utiliza todos os meios possíveis para transmitir o enunciado. Elas analisam que “as histórias contadas em línguas de sinais por pessoas surdas apresentam uma tradição próxima a culturas que transmitem suas histórias oral ou presencialmente” (pp. 13 – 14). Desta forma, pode-se associar semelhanças entre a figura de um narrador oral e um contador surdo, principalmente no que se refere à expressividade facial, ao apoio de gestos e movimentos corporais, mas com a exclusão da sonoridade neste ato performático.

Sendo a LIBRAS “uma língua visual espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo” (QUADROS, 2007, p. 19), quando se objetiva traduzir uma história oral do português brasileiro para ela, a tradução da língua fonte<sup>4</sup> deve priorizar o tipo

---

<sup>3</sup> Neste artigo o uso da escrita “Surdo” com letra maiúscula está sendo utilizada conforme a convenção proposta por James Woodward (1982) que identifica sendo um grupo de pessoas que possuem uma língua e cultura e quando for usado a escrita “surdo” é para se referir à condição audiológica de não ouvir.

<sup>4</sup> É a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo) (QUADROS, 2009, p.9).

de linguagem referencial da língua alvo<sup>5</sup>, ou seja, da comunidade surda. A mesma preocupação deve ser pertinente em uma tradução-interpretação consecutiva, mais recorrente em produções escritas, quando “o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua (fonte), processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua (alvo)” (QUADROS, 2007, p.11).

## **METODOLOGIA**

Esse estudo teve como objeto de análise o livro *Lenda da Cobra-Grande*, tradução de Rosilene Silva Marinho (2014), com foco no boneco-tradutor, entendido também como o narrador da história na LIBRAS. O livro apresenta uma tradução-interpretação consecutiva, na qual o boneco-tradutor ao mesmo tempo em que traduz a história do português também a narra na LIBRAS.

A leitura literária levou em consideração a referência teórica de Salvatore D'onofrio (1995), observando a postura desse narrador-tradutor em LIBRAS, como esse apresenta a narrativa e seu olhar sobre os acontecimentos. Após identificar a tipologia do narrador, realizou-se a leitura dos aspectos linguísticos e semânticos que o boneco-tradutor apresentou, enquanto representação das marcas da linguagem de uma pessoa da comunidade surda, a partir de teóricos como Choi Daniel (2011), Ronice Quadros e Lodenir Karnopp (2004), bem como Elidéa Bernardino (2000).

## **PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS**

Na análise literária, foi possível identificar um tradutor-narrador em LIBRAS intradieético, ou seja, um “personagem que, dentro do texto, assume o papel de narrador” (D'ONOFRIO, 1995, p. 64). Este se apresenta como narrador em primeira pessoa, no entanto, o mesmo não participa diretamente da história que irá narrar, por isso, é classificado como um narrador intradieético heterodieético, que seria o “personagem que conta uma história da qual não participou” (D'ONOFRIO, 1995, p. 64).

Após a apresentação, o narrador passa a relatar as ações dos personagens em terceira pessoa, ratificando o discurso externo à enunciação. Este tradutor-narrador também se comporta como um narrador onisciente, que segundo Jean Pouillon possui a chamada “visão por detrás”, que seria quando “o narrador se coloca atrás e acima das personagens, sabendo mais do que elas pelo simples motivo de que sabe tudo” (D'ONOFRIO, 1995, p. 60). Este

---

<sup>5</sup> É a língua na qual será feita a tradução ou interpretação (QUADROS, 2009, p.9).

tipo de narrador sabe o que se passará com os diversos personagens da enunciação da “Lenda da Cobra-Grande”, como se estivesse olhando todos os acontecimentos de uma posição privilegiada.

**Figura 1:** Observe que o segundo boneco-tradutor se apresenta como narrador, “agora EU contar história Lenda Cobra-Grande”.



Na língua de sinais, “o espaço tem papel fundamental na construção de narrativas” (DANIEL, et al., 2011), com a utilização desse recurso da localização de espaços para a marcação de personagens e situações.

Grande parte da enunciação da história da cobra-grande se passa em dois ambientes físicos, nos espaços terrestre e aquático. Para situar o espaço terrestre, o narrador se posiciona com o corpo voltado para o lado esquerdo, marcando, desta maneira, a terra firme. Já para situar o espaço aquático, o narrador posiciona-se com o corpo para o lado direito, identificando a marcação do rio, conforme a imagem a seguir.

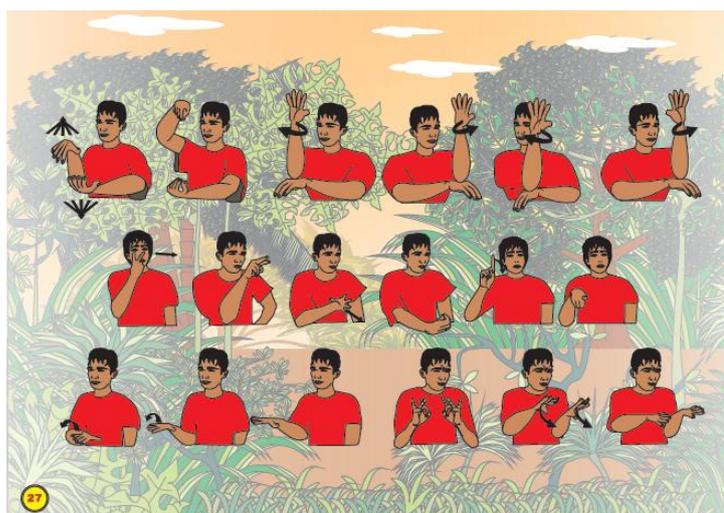


**Figura 2:** O narrador ao contar que a “tribo índio mulher jogar rio” fez a marcação dos espaços físicos utilizando o movimento corporal.

Conforme afirma PIZZIO (2008), “no nível sintático, o uso do espaço é explorado para estabelecer as relações gramaticais entre os referentes”. O que quer dizer que ao

realizar uma marcação em um determinado espaço, as demais funções sintáticas da frase em LIBRAS estarão determinadas a este. O cenário, recurso de linguagem visual, ratifica a marcação desses espaços já mencionados pelo narrador, como um complemento à informação repassada pelo narrador.

Além de marcar lugares físicos, o movimento corporal também pode identificar os personagens da narrativa. Se o narrador relata a ação de dois ou mais personagens em uma cena, estes também serão marcados pela linguagem corporal na qual o narrador deverá situá-lo no espaço da enunciação por meio de um sinalizador, que pode utilizar uma apontação para determinado espaço indicando um referente ou mais, e ainda pelo movimento corporal e/ou ainda pelo direcionamento do olhar, bem como mudanças na expressão facial. Sendo assim, na LIBRAS quando se trata de uma narrativa “os personagens podem ser associados a pontos específicos no espaço de sinalização” (DANIEL, [et al.], 2011).

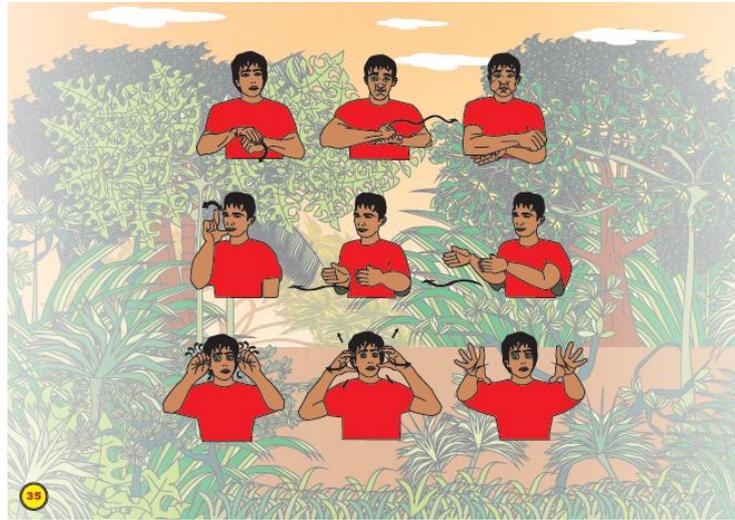


**Figura 3: O narrador também situa os personagens por meio da linguagem corporal, como na frase “Alma floresta observar filho ser criança, rejeitar”.**

Na imagem acima o personagem Anhangá, Alma da Floresta, foi marcado no espaço do lado esquerdo, enquanto a personagem criança foi marcada no espaço do lado direito, sendo usado apenas a movimento corporal para identificar cada um dos personagens desta cena. Após essa localização do personagem no espaço, o narrador se baseia na posição real ocupada pelo referente para estabelecer os pontos de articulação. Ou seja, o sinal de “observar” parte do referente localizado no espaço esquerdo, que seria o personagem Anhangá. Concorde-se com as autoras Quadros e Karnopp (2004), quando afirmam que “na língua de sinais brasileira, os referentes são estabelecidos conforme os mesmos sejam apontados num determinado local”. Daniel (2011) acrescenta que “ao mudar apenas a direção do olhar e a expressão facial, também pode estabelecer mudanças de papéis, de um personagem na narrativa” (DANIEL, et al., 2011, p. 91, apud RAYMAN).

Conforme afirma Quadros (2007) “a língua de sinais atribui um valor gramatical às expressões faciais”, o que imprime a esse recurso relevância na composição da sentença frasal, como constituinte de funções sintáticas como advérbios, além de morfológicos, que

compõem a formação das palavras. No objeto em análise, pode-se verificar que o narrador da “Lenda da Cobra-Grande” se baseia nas expressões faciais para constituir palavras compostas, adjetivos, advérbios de intensidade, além de verbos.



**Figura 4: As expressões faciais da frase acima “noite cobra-grande rio iluminar” constituem a morfologia das palavras e a sintaxe em LIBRAS.**

O segundo e o terceiro bonecos da imagem acima formam o sinal de “Cobra-Grande”, nos quais se percebe a utilização da expressão facial para indicar o advérbio de intensidade “grande”. O mesmo recurso foi usado pelos sexto, sétimo e oitavo bonecos que formam o verbo “iluminar”, no qual é imprescindível a expressividade facial para compor a morfologia da palavra. Bernardino (2000) afirma que “a expressão facial e o movimento do corpo são elementos muito importantes”, visto o significante sofrer alterações semânticas caso algum desses recursos venha a ser alterado. Por exemplo, no sinal acima citado “cobra grande”, caso não sejam utilizadas as expressões faciais inflando as bochechas e arregalando os olhos, pode ser o sinal confundido com outro tipo de animal réptil.

## **CONSIDERAÇÕES DA DISCUSSÃO**

O narrador da Língua Brasileira de Sinais nesta obra, considerado ainda tradutor-intérprete, tem um papel não apenas de levar a tradição oral da língua portuguesa à língua dos surdos, mas adaptá-la à cultura desta comunidade que se faz tão rica em artefatos linguísticos e culturais como qualquer outra. Para isso, pode-se compreender a importância em apreender as funções de elementos gestuais e de expressões faciais na língua de sinais para que fosse possível a realização da análise. Estes últimos são considerados componentes essenciais na LIBRAS, visto constituírem a comunicação visual gestual da comunidade surda,

representando elementos gramaticais de morfologia, sintaxe e semântica desta língua. O tradutor-narrador tem ainda a responsabilidade de manter a fidelidade na tradução- interpretação consecutiva entre as línguas fonte e alvo, pois “a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito” (QUADROS, 2004, p28). Em determinados casos, faz-se necessário um estudo semântico da palavra, a fim de não prejudicar a informação que se almeja transmitir.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas Oraís: performance e memória**. Manaus: UFAM, 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo**. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

DANIEL CHOI...[ et al.]; organizadora Maria Cristina da Cunha Pereira.- **Libras: conhecimento além dos sinais**. 1ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto: teoria da lírica e do drama**. São Paulo: Ática, 1995.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Curso de Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2008.

\_\_\_\_\_ ; HESSEL, Carolina. **Metodologia da Literatura Surda**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Curso de Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2009.

MARINHO, Rosilene Silva; ARAÚJO, Joelma Remígio de. **Lenda da Cobra-Grande**. Manaus: Edua, 2014.

PIZZIO, Aline L.; CAMPELLO, Ana R. S.; REZENDE, Patrícia L. F. QUADROS, Ronice M. de. **Língua de Sinais III**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Curso de Licenciatura em Letras/Libras, 2008.

QUADROS, Ronice Muller de.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_ **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.